

Ilha de Virtudes  
Onofre Alves

coleção sílica

Impresso no Brasil/Printed in Brazil  
onofrealvesautor@gmail.com

### **Editora Corsário**

Al. da Violetas, 279, Papicu

Fortaleza – Ceará – CEP 60190-310

www.corsario.art.br | revistacorsario@gmail.com

### **Ficha Técnica**

**Editor Responsável** | Mardônio França

**Direção de Arte** | Katiusha de Moraes

**Conceito** | Ícaro Mares/Stella Marina

**Projeto Gráfico** | Roberto Barros

**Editoração Eletrônica** | Ed Batalha

**Digitação** | Verônica M<sup>a</sup> Alexandre

**Revisão** | Lincoln Matos

**Fotografia da Capa** | Mardônio França

**Impressão** | Expressão Gráfica e Editora Ltda.

### **Catálogo na Fonte**

IN MEMORIAM

Aos meus pais:  
Sebastião Alves Sobrinho  
Maria de Nazaré Lourenço Alves  
Meu neto  
João Francisco Alves de Sousa  
e familiares.

## DEDICATÓRIA

A Layce, minha esposa;  
Aos filhos: Luciana, Onofre Jr., Liliane,  
Lilian e Lidiane;  
Aos genros: Gilson, Leonardo e Diego;  
À nora Márcia Gianne;  
Aos meus netos: Ana Clara e José  
Onofre L. Alves Neto,  
Artur, Benjamin e Diogo;  
À estimada Conceição.

## AGRADECIMENTOS

Ao supremo árbitro dos mundos: DEUS.

Aos Irmãos, Amigos e Colaboradores:

José Edisio Barreira;

Alfredo Fernandes Barbosa;

Jose Ailson N. dos Santos;

Professor Gutemberg de Souza;

Grupo de Teatro Volúpia;

Dr. José Onofre Alves Jr.

OFEREÇO

Aos que me conhecem  
Aos que não me conhecem.

Ilha de Virtudes  
Onofre Alves

coleção sílica



## **VENTUROSO MANUSCRITO PARA UM LONGO CAMINHO**

“Nesta sala deserta, o livro silencioso viaja pelo tempo, deixam-se para trás as auroras e as noites - a minha vida é um sonho apressado.”<sup>(1)</sup>

Jorge Luís Borges

“Admito: sou interno de um hospício. Meu enfermeiro está me observando, quase nunca tira os olhos de mim; porque na porta há um postigo e os olhos do meu enfermeiro são desse castanho que não consegue penetrar o azul dos meus. Meu enfermeiro não pode; portanto, ser meu inimigo. Afeiçoei-me a ele; quando o olheiro detrás da porta entra no meu quarto; não obstante um postigo entre nós, conto-lhe incidentes da minha vida para que ele possa me conhecer. Ele parece apreciar minhas narrativas”<sup>(2)</sup>

“ Por conseguinte, gostarás agora, não só de aceitar de bom grado esta minha pequena arenga, como um presente do

<sup>(1)</sup> Jorge Luís Borges - O Fazedor

<sup>(2)</sup> Günter Grass - O Tambor

teu bom amigo, mas também de colocá-la sob o teu patrocínio, como coisa sagrada para ti e, na verdade, mais tua do que minha. Já prevejo que não faltarão detratores para insurgir-se contra ela.

Mas, os que se desgostarem com a ligeireza do argumento e com o seu burlesco devem ficar avisados de que não sou eu o seu autor. Saibam, pois, esses censores que também, para divertir-me, já joguei xadrez e montei em cavalo de pau, como um menino .

Quanto a mim, deixo que os outros julguem esta minha tagarelice; mas, se o meu amor próprio não deixar que eu o perceba, contentar-me-ei de ter elogiado a Loucura sem estar inteiramente louco”<sup>(3)</sup>.

---

<sup>(3)</sup> Erasmo de Roterdã - Elogio da Loucura

## SENTIMENTOS DIÁRIOS

- O dia mais belo? **Hoje.**  
A coisa mais fácil? **Errar.**  
O maior obstáculo? **O Medo.**  
O maior erro? **O Abandono.**  
A raiz de todos os males? **O Egoísmo.**  
A distração mais bela? **O Trabalho.**  
A pior derrota? **O Desânimo.**  
Os melhores professores? **As Crianças.**  
A primeira necessidade? **Comunicar-se.**  
O que mais lhe faz feliz? **Ser Útil.**  
O pior defeito? **O Mau Humor.**  
A pessoa mais perigosa? **O Mentiroso.**  
O pior sentimento? **O Rancor.**  
O mais imprescindível? **O Lar.**  
A rota mais rápida? **O Caminho Certo.**  
A sensação mais agradável? **Paz Interior.**  
A proteção efetiva? **O Sorriso.**  
O melhor remédio? **O Otimismo.**  
A maior satisfação? **O Dever Comprido.**  
A força mais poderosa do mundo? **A Fé.**  
As pessoas mais necessárias? **Os Pais.**  
A mais bela de todas as coisas? **O Amor.**

## **FÉ**

“A fé é o único abrigo no qual pode se refugiar o homem nas trevas de sua razão e nas calamidades de sua natureza débil e efêmera.”

Voltaire

## **TCHAU FELIZ FIM DE SEMANA**

Somos Brasileiros! Dos mais variados estados, trabalhamos na mesma instituição, almoçamos na mesma mesa, temos as mesmas atribuições, nosso trabalho possui as mesmas finalidades, temos muita coisa em comum! Será que me lembrei do meu colega com mais afinidade? Será que já pensei nele como pessoa humana? Será que já lembrei que, como colega, ele precisa de um pouco de atenção e de um pouco de carinho de minha parte? Será que já desejei pelo menos um feliz fim de semana a ele? Pelo que vejo, não sei nada sobre a vida do meu colega, não sei onde mora, não sei seu gosto preferido, e nem a data de seu aniversário.

Nunca perguntei se ele estava com algum problema. Ou se estava bem. E se estivesse com algum problema, talvez, quem sabe, até que poderia ajudá-lo.

Mas como vou saber? Ele nunca fala, está sempre rindo! É, realmente, mas por outro lado, não custa nada perguntar. Se assim o fizesse, ele ficaria mais feliz em saber que estou preocupado com seu bem-estar.

Vou parar um pouco e pensar o que até hoje fiz para as pessoas gostarem de mim e logo descobrirei.

A primeira coisa que vou fazer é aprender a gostar de mim.

A segunda coisa: aceitar as pessoas como elas são e não como gostaria que elas fossem.

A terceira é tentar mudar meus hábitos, ao invés de criticar e fazer dos erros motivos de gozação.

Vou aprender a criticar construtivamente o colega, orientá-lo quando tiver dúvidas, ajudá-lo em serviços quando atarefado, emprestar-lhe o ombro amigo quando precisar, ouvi-lo quando estiver choroso. Sei de antemão que devo ser humilde e sincero, pois só assim terei a recíproca quando precisar.

Na próxima sexta-feira não irei me esquecer de desejar-lhe:

**FELIZ FIM DE SEMANA!!!**

## **NÃO É COMIGO**

Esta é uma estória sobre quatro pessoas:

TODO MUNDO, ALGUÉM, QUALQUER UM E NINGUÉM.

Havia um importante trabalho a ser feito e TODO MUNDO tinha certeza de que ALGUÉM o faria.

QUALQUER UM poderia tê-lo feito, mas NINGUÉM o fez.

ALGUÉM se zangou porque era trabalho de TODO MUNDO.

TODO MUNDO pensou que QUALQUER UM poderia fazê-lo, mas NINGUÉM imaginou que TODO MUNDO deixasse de fazê-lo.

Ao final, TODO MUNDO culpou ALGUÉM quando NINGUÉM fez o que QUALQUER UM poderia ter feito.

## **SAIBA COMO CONTROLAR SEUS NERVOS**

Esta é uma época afobada. Todos têm pressa, e o nosso maior erro é a mania da pressa. Somos filhos de uma época vertiginosa e cheia de contrariedades. Tudo fazemos apressados: falamos, andamos, comemos, dormimos etc...

Logicamente, o resultado da pressa é a contrariedade, pois a pressa traz erros e os erros geram confusão.

E todos sabemos que a metade de nossos erros nasce da precipitação. O resultado é uma tensão permanente, um desperdício psicológico e uma ameaça fisiológica. O descontente tem a mente contraída, sem exercer atividades.

Uma característica dos grandes industriais, cientistas, de um grande artista, consiste no equilíbrio de seu sistema nervoso. O fato é que o valor de um indivíduo se verifica pela calma e sensação de segurança que emite.

Os nossos nervos podem ser considerados como canais de nosso destino, dado

que por eles correm as energias, por eles desenvolve-se a coragem e neles moram os estímulos de todas as nossas realizações. Como desperdiçamos nossas forças nervosas é o que analisaremos a seguir: por exemplo, analise sua maneira de ser. Comemos demais, muitas vezes e muito depressa. Vivemos e lidamos com tudo no meio de infinidades de ruídos desnecessários. Avaliamos uma pessoa segundo seu recorde de velocidade de ação e sua conta bancária. Lemos um excesso de inutilidades e depois nos admiramos de como se espelham nossos pensamentos, e de como se apaga nossa memória. Agarramo-nos a um formulário qualquer e depois não sabemos explicar porque não temos INICIATIVAS.

## **DOMINGO DE SOBRIEDADE FELIZ**

Dormi com pretensão de ir à missa no domingo pela manhã. Dormi muito bem, acordei cedo, tomei um gostoso banho. Acordei minha mulher para me fazer um café.

Escolhi a roupa, vesti-me após saborear o café, peguei o carro e me dirigi à igreja.

No caminho, encontrei um amigo. Conversamos rapidamente; ele é muito agradável, assistiu à missa. No retorno, fui ao grupo.

Retornamos a nossa residência. Fomos todos à praia: eu, minha esposa, minha filha, meu genro e minha neta, e meu cunhado que está de férias, que mora no Rio de Janeiro. Curti muito minha neta, tomamos banho por bastante tempo. Ela com sua pranchinha de plástico. Batizamos as ondas de Tsunami.

Eu e minha neta tomamos dois refrigerantes KS com bolinhas de peixe e de queijo. Um papo de família muito agradável.

Retornamos a nossa casa, tomamos mais banho de piscina, depois almoçamos. Antes do almoço, rezamos uma oração que é tradicional nos almoços de nossa família. Almoço saboroso, conversas gostosas e produtivas.

Após o almoço, assistimos a um pouco de televisão e fomos repousar. Ao levantarmos, fui cuidar do jardim, que está em recuperação após o inverno.

Após isso, fui visitar minhas irmãs que moram na casa em que meus pais moraram quando vivos. Minhas irmãs e sobrinhos estavam todos bem.

Perguntei por meu irmão, mas ele não havia estado com elas. Retornei a minha casa, o jantar foi servido e degustado com toda a família. Em seguida, fomos repousar na varanda de nossa casa, que mede onze metros por três, deitamos em uma gostosa rede, jogamos bastante conversa fora. Agora são vinte e duas horas, estou tomando banho após este, estou descrevendo este domingo para vocês com total felicidade para mim e para minha família e para a comunidade.

Meus reconhecimentos ao Poder Superior, que na minha concepção é Deus, ao apoio da minha família e a mim, por entender e aceitar.

Concluimos dizendo:

“ Deus ajude a mim, minha família e muito obrigado.

Deus ajude a mim, minha família e muito obrigado.

Deus ajude a mim, minha família e muito obrigado. ”

## **ALMA TRANSCENDENTAL**

União dos corpos ficando determinada por Deus com a finalidade da criação de um novo ser. O Criador já lhe concedeu uma alma e um sistema de livre arbítrio aliado a responsabilidades.

O corpo usará o livre arbítrio para conduzir a alma até seus últimos dias, sempre munido de responsabilidade.

Alguns acham o fato da “ALMA” ser uma existência indispensável. Cerimônias sociais realizam-se no ato do nascimento, até mesmo na própria morte, que não afasta o ato do momento de transição. A alma deixaria o corpo livre e inalterado para se manifestar em outro corpo, aqui na Terra, em futuro próximo ou num reino espiritual de um futuro longínquo.

A vaidade do homem, que conduz este a apresentar o que porta de melhor, foi decepcionada quando o homem entendeu que, por razão espiritual, a alma não reocuparia para continuação da vida seu corpo envelhecido, desgastado e com aparência sofrida. A evolução espiritual encarregou-se de promover um rápido abandono dessa suposição.

No acontecimento do processo de transição, a alma assumiria a forma de um corpo espiritualizado, magnífico em sua glorificação, fortalecida por um plano superior a qualquer forma terrena, enaltecendo a forma de corpos envelhecidos, enrugados, da qual teria ficado liberta recentemente.

Deus, no processo de renovação, aceitação, compreensão atuante, tudo vê, tudo percebe; assiste às colocações e aceita as que forem justas e tragam crescimento para o seu reino, com o qual está sempre em consonância espiritual.

## **CONFRATERNIZAÇÃO DE NATAL**

Caros irmãos, cunhados, sobrinhos, neófitos e convidados.

A todos, saudações Natalinas e aos neófitos, bem-vindos.

Escutem-me irmãos, convidados e familiares. Pode ser que estejam cansados.

Foram tantas as reuniões.

Foram penosas as instruções, longas foram as horas de trabalho.

E pode ser que estejam preocupados? São tantas as diferenças, no trabalho, na escola, na sociedade, nas lojas, que nos conflitam o emocional.

São tantos os problemas da sociedade, de irmãos, de cunhadas e de sobrinhos, que ficamos perplexos; como conciliar?

É grande a responsabilidade que lhes confiamos, e devem estar apressados...

Os tempos são difíceis. Os salários são diminutos. Mas apesar do cansaço, da preocupação, da pressa e da angústia: eu insisto, preciso falar-te. É preciso que me ouças, trago tantos recados importantes.

E houve irmãos que venceram na vida e mandam dizer-te que foi porque tuas instruções permaneceram. E houve irmãos que venceram as dores, o álcool, e mandam dizer-te que foi a lembrança de tua coragem e de tua ajuda.

E houve cunhadas que ascenderam ao Oriente eterno e mandam dizer-te como é lindo contemplar a face do Cristo.

E nós, aqui presentes, da ordem do Estado, da Pátria, do mundo inteiro, mandamos dizer-te que és importante, que teu trabalho é nobre, que de ti nasce a razão do progresso, da união e da harmonia de um povo.

Agora podes ir...

Esquece o cansaço, a preocupação, a pressa e a angústia, porque estamos todos te amando, estamos mentalizando tua felicidade, tua serenidade, teu bem-estar geral.

Agora podes ir, e tenha certeza de que poderás contar com as bênçãos do Supremo Árbitro dos mundos, que está sempre em consonância com tua espiritualidade.

Feliz Natal, Próspero Ano Novo.

São os nossos votos.

## **SONHO DE VIDA**

Seu Pedro, casado com a Dona Diniz, casal de aproximadamente 40 anos, casados há 10 anos, não tiveram filhos. Residiam em uma região metropolitana de uma próspera cidade do interior.

Seu Pedro, educado e orientado por uma tia de nome Marcionilia, que desencarnou quando esse tinha 14 anos.

Seu Pedro residia entre uma grande montanha e uma movimentada BR. Na outra margem da rodovia, morava um casal jovem que tinha um filho de 3 anos mais uma tia, Dona Arcádia, de 72 anos.

O casal trabalhava todo dia e Dona Arcádia tomava conta da criança, que passava o dia na creche, levada por ela.

Seu Pedro sonhou com a sua tia Marcionilia. Esteve lhe visitando dizendo que, em três dias, deveria ir à montanha. Lá seria sua grande missão. Contou o sonho a sua esposa e, na quarta-feira, 3 dias após seu sonho, subiu à montanha. Combinou com a esposa que levaria um apito e, se ele apitasse duas vezes, era

uma emergência. Não esqueceu um caderno e uma caneta.

Conforme combinado, na quarta-feira começou a sua caminhada.

Encontrou algumas dificuldades, levou uma queda e várias picadas de abelhas. Seu Pedro chegou ao pico da montanha, olhou para o alto e agradeceu aos céus pelo feito. Iniciou sua missão olhando à sua volta, em longos espaços do pico da montanha e não encontrou nada de diferente que atraísse sua atenção. Alegre, olhou para baixo em direção à rodovia e só viu as duas casas existentes na localidade. Observou sua esposa lavando roupas e, na margem da estrada, viu Dona Arcádia conduzindo seu neto à creche. De repente, observou que Dona Arcádia caiu por mal súbito e a criança continuou caminhando em direção à rodovia. Escreveu rápido: Criança em perigo. Enrolou em uma pedra, deu dois apitos, a esposa olhou para ele e este jogou a pedra. Ela a pegou, leu a informação e correu em direção à rodovia para salvar a criança. Em seguida, atendeu Dona Arcádia, que estava com hipotensão. Com um pouco de sal debaixo da língua dela, sorriu por ter salvado os dois.

Os quatro se juntaram, agradeceram ao Poder Superior e, em coro, gritaram:

SONHOS QUE SALVAM VIDAS!!!

## **APOLOGIA DO CHORO**

Quando crianças, implantam em nosso ego 100.000 nãos. O ego modifica o comportamento pelo consciente, um compromisso entre o primitivismo intuitivo e o consciente servindo como mediador entre os impulsos e os procedimentos pessoais.

Nessas condições, o ser masculino absorve mensagens de que o homem não pode chorar .

Um dia, a vida o coloca em uma condição de angústia e sofrimento físico. E ele precisa chorar, mas lembra-se de que o homem não pode chorar. Está implantando em seu ego.

Um dia, o homem rompe a barreira das imposições do machismo e chora. E cai em terra o preconceito de forte, de duro, de homem de pedra, em que muitos acreditam, mas é só massa muscular e

prepotência. O restante é uma fragilidade que veio do pó e para o pó voltará. A passagem para o plano espiritual, ausência física de nosso ascendente ou descendente no plano terreno, de forma definitiva, nos faz chorar.

A ausência física, o não abraçar, a falta do odor característico, o diálogo inexistente, a entrega de sua matéria desenergizada ao campo dos mortos, sozinho em uma câmara apertada, e a certeza de nunca mais tê-lo é sofrido, é angustiante. Aquele que já passou por isso chora como criança.

Não lhes peça para não chorar. Deixe-os externar seu sofrimento, pois a perda é definitiva e irreparável.

Deixe-os chorar. Precisam chorar. Consideramos o choro como descarga de energias físicas espirituais que estão ocultas desde o nosso nascimento.

E não é o momento para reprimir. O momento é doloroso, mas Deus, em sua infinita misericórdia, colocou-nos o tempo, que dividimos em 24 / 24 horas. E este se responsabilizou em ir paulatinamente suavizando as dores de nossa perda, que na

verdade não é perda. Nós os devolvemos ao (G.A.D.U.), que é nosso Deus, e este com certeza, a longo ou a médio prazo, nos confortará. E teremos na mente somente as boas lembranças daqueles que tanto amamos e continuamos a amar, mesmo estando em um plano celestial. Mas deixe-os chorar, não peça que não chorem. Deixe-os extravasar o choro. Assim, seu coração descansará, seu cérebro descarregará o concentrado eletromagnético, e com certeza virá o período de descontração e a aceitação que só o tempo lhes concederá. Mas deixe-os chorar.

Passados os momentos angustiantes, ficaremos com lembranças dos bons momentos com eles vividos, com suas qualidades morais e suas grandes realizações.

Só então, voltaremos a lembrar paulatinamente as velhas e alegres crianças que somos, astutas e inibidas em nossas reservas mentais, que são únicas e específicas de cada um de nós.

Aí passamos a dizer a esta bomba cardíaca que pulsa em nosso peito, ditando normas: a vida é com você. Lute, busque, ame, dance. O problema é seu e você tem que resolver.

## **PRECISO É SER FELIZ. - UMA DÚZIA DE PENTES**

Confesso-me um afeiçoado a pentes, lenços e canetas.

Em 1986, quando me tornei um quarentão, já estava profissionalmente bem-sucedido, bem como em todos os aspectos. Morávamos em Mato Grosso do Sul e eu tinha mil e uma atividades. Trabalhávamos no Sanatório Mato Grosso no INAMPS, em uma clínica de reumatologia. Eu era supervisor dos alunos do 5º ano de Medicina, na cadeira de Psiquiatria, atendia particular e era vice-presidente da AFIMS.

Vejam vocês, tantas atividades. Necessitava ou continuo necessitando de aparência impecável. Me acho super interessante e minha mãe concordava. Qual mãe acha um filho desinteressante, para não dizer feio?

Na época, possuía cabelos bem mais volumosos, o que para mim era uma preocupação a mais. Eu possuía realmente uma dúzia de pentes.

Era um pente no bolso, na pasta profissional, no porta-luvas do carro, no birô do consultório, na gaveta do criado-mudo, no guarda-roupa, e alguns pentes para reposição.

Profissional de confiança da direção do hospital, fazia a controladoria dos medicamentos psicotrópicos, alvos de forte fiscalização. Meses depois, acumulei as funções de coordenador geral do serviço de enfermagem. Chegava ao comando de um serviço com trezentos pacientes mais 65 funcionários. Conhecedor do ofício e trabalhador, não vi dificuldades nas funções.

Alvos de minhas preocupações eram o odor exalado pelos pacientes; o odor físico, da transpiração e da química medicamentosa.

Baixamos a determinação de um banho coletivo, mesmo que fosse contra a vontade de alguns, às 13h30. O banho era comandado por quatro atendentes, e tudo deu certo.

Em uma ronda de supervisão, entrei no banheiro, conferindo o andamento do projeto. Em um hospital psiquiátrico,

o inesperado acontece. Tirei o pente do bolso para pentear os cabelos quando fui surpreendido por um interno. “Dr., como o senhor faz uma coisa dessa? O senhor não precisa disso”. As atividades pararam e eles fizeram um círculo em volta da minha pessoa. O interno afirmou: “Esse pente é meu, o senhor não precisa fazer isso. Esse pente é meu, ele estava debaixo de meu travesseiro”. Pasmado, retruquei: “Deixe de conversa, rapaz. É meu, eu tenho uma dúzia de pentes. Você está enganado”. O paciente continuou: “O senhor não precisa, mas o pente é meu”. O episódio atraiu a atenção de todos, mais dos atendentes. Para mim, foi chocante, pois o pente já estava comigo há quatro anos. Diante do constrangimento, obriguei-me a entregar o pente e retirei-me do banheiro. A impressão que deixei foi das piores; um momento para quem ocupa um cargo de confiança, falando em referência aos funcionários. Nós, militantes da Psiquiatria, estamos sempre enquadrando alguém num diagnóstico caso saia da normalidade, em qualquer momento.

Tenho certeza de que meu diagnóstico foi o de CLEPTOMANÍACO.

Fiquei impotente perante o acontecido. Não havia como provar o contrário. Não podia me insurgir contra o paciente; ficaria mais ridículo ainda, me nivelaria ao doente mental.

Fui obrigado a abdicar de um amigo de quatro anos que me fez muita falta. Oh, pente amigo de tantas jornadas, quantas horas juntas. Casa de louco é assim. Constrangimentos são fatos a que estamos sujeitos a qualquer hora.

Hospital psiquiátrico é coisa de louco, o que, enfim, somos todos nós.

Ah! Vida de louco é assim!!!!

## **VIDA DE LOUCO**

Louco, Eu?

Só, por me insurgir contra esse capitalismo selvagem e esmagador?

Louco, Eu, por não aceitar essa política suja, corrupta e inescrupulosa? Louco por reagir com indiferença a essa sociedade de podre, interesseira e preconceituosa?

Ganho justa causa e fico nocivo ao mercado. Desintegro-me da família, da sociedade. Passo a morar nas ruas, sem família, sem emprego, sem teto e sem assistência social, dormindo em bancos de praças, alimentando-me de restos de alimentos jogados ao lixo por restaurantes de luxo onde os pseudo-emergentes gastam seus míseros reais, julgando-se estar na mídia.

Louco é aquele que é visto pelas autoridades e pela burguesia. E Freud, se vivo fosse, colocariam-no em um hospício.

Hospício? É tudo que um louco queria ter, mesmo que fosse para ser:

Algemado no leito, recebendo um pedaço de pão dormido e um copo de Ki Suco. O louco é medicado com ansiolíticos, antidepressivos ou antialucinógenos em gotas. Irritado, bocejando o remédio, se o jogasse no rosto do enfermeiro, eu levaria uma gravata e mais dois brutamontes me amarrariam na cama e me aplicariam um Sossega-Leão. Eu dormiria de 12 a 18 horas e acordaria estranho ao ambiente. Passaria a caminhar de um lado para o outro nos corredores. Ah, vida de

louco é assim. Medicado com neurolépticos, ficaria impregnado e continuaria a andar, agora com braços colados às coxas, com olhos fixos para o chão.

É, vida de louco é o subproduto da sociedade. Desorientado, mexeria nos pertences dos outros, receberia empurrões, chutes e pontapés. Sairia correndo, solitário, pressionado, sem defesa, totalmente desligado do contexto social. Sofreria nova crise de agitação e seria medicado à distância pelo médico. Nunca estive em sua frente nem ele nunca teria me visto em tratamento. Seriam três eletroconvulterapias, popularmente conhecidas por “choque”. Com leve sedação, seria conduzido em jejum à sala de tratamento. Deitado, colocariam um pano na minha boca e alguém me seguraria a mandíbula, me colocaria na região frontal dois eletrodos de 250 a 300 watts. E eu teria uma crise convulsiva induzida.

Após 3ª aplicação, ficaria um desorientado crônico e deixaria de questionar capitalismo, sociedade e política. Mais uma vez, subtrairiam meus sonhos, ideias, meu senso de questionamento do direito de cidadania.

O direito de ser feliz.

O direito à vida.

O Louco é subproduto de uma pseudo-sociedade.

Ah! Vida de louco é assim.

## **O BÊBADO**

Em um dos meus locais de trabalho, onde cumpro um horário de 10h às 12h30, existe em frente um bar. Na frente desse, uma frondosa planta do tipo fixo, debaixo da qual deixo o carro, usando a sombra.

Todos os dias, estaciona bem coladinho ao meu carro um táxi branco para ficar na sombra. O taxista, um senhor de aproximadamente 60 anos, me facilita a saída para ficar na sombra.

Todos os dias, esse senhor lá está para tomar seus aperitivos para o almoço.

Não sei seu nome, nem seu endereço, mas é um cidadão cortês e muito respeitador.

Um domingo, no início da noite, fui chamado de urgência. Lá estive quando saiu, já eram 20h30. Ao pegar o carro no local já citado, fui abordado por um senhor: o taxista, totalmente embriagado, de bermuda, camisa desabotoada e de chinelos.

Como não sei seu nome, e bêbado não é senhor, o tratarei, de agora em diante, como simplesmente O BÊBADO.

O bêbado queria falar comigo. Eu também queria falar com ele.

O bêbado não conseguia o equilíbrio bípede. Eu tentei ajudá-lo no equilíbrio. O bêbado me disse que o soltasse, que ele não era aleijado.

O bêbado continuava querendo falar comigo. Eu queria falar com o bêbado, mas ele não conseguia verbalizar as palavras, não podia associar duas ou três sílabas. Tentei ajudá-lo, mas ele me retrucou que sabia falar, não era gago (sic). \*Segundo Informa o Cliente.

O bêbado continuava querendo falar comigo. Eu queria falar com o bêbado.

O bêbado decidiu acender um cigarro, mas faltava-lhe coordenação motora para conseguir. Pedi para acender; o bêbado me disse que ele sabia acender, que o braço dele não era paralítico.

O bêbado me disse que tinha um filho médico, e eu conheço o médico filho do bêbado; ele me disse que tinha uma filha que estava na Espanha, mas eu não conheço a filha do bêbado.

O bêbado me disse que estava casado pela segunda vez, que sua mulher tinha 25 anos e era muito linda. Não é?

Fiquei na indecisão. Se confirmasse que sim, poderia criar um estado confusional, com manifestações de ciúmes. Se constatasse que não, me insurgiria contra os interesses do bêbado e esse poderia me agredir. Solucionei o caso dizendo que ele tinha bom gosto, e o bêbado manifestou-se dizendo que não havia pedido minha opinião.

O bêbado decidiu que eu deveria levá-lo em sua casa, mas eu disse a ele que não sabia onde ele morava. Mas o seu endereço, o bêbado também já não sa-

bia. Mais, fase de apagamento. O bêbado queria apostar que eu sabia onde ele morava. Falei para ele que nunca estive em sua casa. Ele não acreditou.

Nesse processo de afirmação e negação, chegou um terceiro figurante que sabia onde o bêbado morava. Ele fez uma intervenção.

“Deixe, doutor. Eu o levo em casa. Esse cara é muito chato quando está bêbo”.

O bêbado retrucou.

“Bêbo, não. BÊBADO”.

“Respeite o português”.      Boa noite.

## **UM CAMINHÃO DE DORES, LÁGRIMAS E SOFRIMENTOS**

Início da tarde de 22/08/09, às 13h40. Em uma das ruas próximas ao meu local de trabalho, transpus um pequeno engarrafamento de trânsito que me atraiu a atenção.

Observei estacionado um caminhão, com a carroceria alongada verticalmente, e dois cidadãos concluindo a arrumação de uma carga de litros de aguardente, aparentemente já lavados, todos colocados de gargalo para baixo.

E uma quantidade imensurável de litros, que haviam sidos esvaziados e consumidos de liquido etílico, o líquido depreciativo que mais mata por essas regiões (a velha cachaça).

Dei prosseguimento ao meu objetivo, porém, fazendo minha conjetura.

Interroguei-me quantos milhões de tal líquido teriam sido ingeridos, que, depois de metabolizados, interferem diretamente em seus estados físico, psíquico e emocional, transformando-os em um jaguar ou em um jacaré.

O consumo etílico torna-se constante e progressivo, sendo o suficiente para desluzir a família, a sociedade e a pátria.

Chegamos a uma condição em que as ciências estatísticas consideram-se impotentes em determinar os fatos inusitados acontecidos nesse entremeio. Consideram apenas fatos negativos, altamente prejudiciais ao consumidor e aos que com ele convivem.

Realizamos novas conjecturas, e nos impressionou o grande número de milhares de mães, a maioria de idades bastante elevadas, que passam noites e noites sentadas em uma sala, olhando para uma porta, derramando milhões de lágrimas, com um rosário nas mãos, pedindo ao Soberano Árbitro dos mundos o retorno de seu filho são e salvo.

É um sofrimento que pode ser calculado através de uma progressão geométrica. Ah, como é difícil a vida de mãe. A esposa, o dia todo nas lides domésticas e na guarda dos filhos, contempla a chegada da noite na espera do marido. Ornamenta-se, perfuma-se, coloca sua mais bela ou sua mais simples lingerie, na espera do bem-amado. Mas ao correr da noite, se entristece ao perceber que é mais uma decepção. O marido está no bar, circundado por homens de odor fétido, cabeludos e barbudos, com roupas sujas, sem banho há tempos. Seu grupo predileto.

O grupo, depois de etilizado e ébrio, se abraça, canta, dança. Isso justifica o popularmente dito que bêbado só gosta é de homens com quem está sempre agrupado.

São os janízaros do álcool.

Uma vez instalado o alcoolismo, haja sofrimento da mãe, da mulher e dos filhos, dos vizinhos, dos amigos e da sociedade. As perdas são constantes e progressivas. Desgraças pessoais e sociais, lares dissociados, famílias tristes e infelizes. Crimes e acidentes dos mais diversos são praticados sob a influência daquele.

Quantas tristezas, infelicidades, desilusões aquele caminhão espalhou na vida daquela comunidade. Quantos se desagregaram moral, social e espiritualmente. Quantos enriqueceram com a miséria social, introduzida no seio daquela sociedade, e às vezes nunca provaram nenhuma dose ética.

Em breve, o caminhão voltará, carregado de dores, lágrimas e sofrimentos, e nada podemos fazer.

A ideia central é que, se não temos condições de levar um pouco de felicidade para aqueles que nos amam, também não nos é permitido fazê-los chorar.

## A ÚLTIMA VISITA

Vivenciamos inúmeros experiências com as visitas aos grupos de AA, através de depoimentos recebidos. Como profissional da área médica, optamos em iniciar um trabalho do qual não teremos um resultado prático, nem noção de suas dimensões física, social, nem espiritual.

Visitamos um senhor com dificuldades alcoólicas, em sua pós-internação hospitalar.

Estivemos com o Sr. F., de 56 anos, que faz uso de bebidas alcoólicas desde os 16. Solteiro, sem filhos, desempregado, sem qualquer vínculo a qualquer previdência social.

Acolhido na residência do irmão mais velho, em um pequeno cômodo no final do corredor. Casa de família grande e carente. O paciente, acomodado em uma cama de solteiro, com colchão de capim e sem lençóis, em completo estado de disforia (alteração mórbida, mal-estar).

Ao iniciar a visita, surpreendi-me com seu estado clínico, um avançado estado mórbido decorrente da avitaminose orgânica.

O Sr. F., com corpo anasárcico (edema generalizado) cutâneo mais

acentuado nos membros inferiores, com perda de líquido orgânico de odor característico, por lesões cutâneas. O Sr. F. apresenta leve anartria, caracterizada pela dificuldade de articular as palavras durante o diálogo.

A icterícia já caracterizava todo seu corpo. A amarelidão estava mais visível nos olhos.

A hidropisia, bem como a ascite (barriga d'água), já estão presentes nas cavidades abdominais e em outras.

Sentimos sua grande dificuldade em reverter esse quadro, especialmente pelo rude e áspero acolhimento da família.

Avaliamos sua dificuldade em reverter tal situação, pois já apresenta *facies potatorum*, típica do alcoólico muito doente. Seus olhos já não refletiam a cintilação pelo interesse de uma vida terrena. Fraquejavam suas forças, e era inerte seu poder de reação.

Perguntei-lhe se tinha vontade de parar de beber. Ele me respondeu: "Se eu escapa desta, já passei foi cinco anos parado".

Sentimos que o senhor Álcool já havia liquidado seus sonhos, sua vontade de ser, sua razão de viver, suas energias físicas e sua espiritualidade. Sua

composição energética fragilizada já não compunha um campo elétrico magnético ativo, capaz de manter o espírito ligado ao corpo. Nos interrogamos: “Mas o espírito já deixou o corpo?” Será isso possível? Sim, com um pouco de mediunidade, percebemos o espírito ao lado. Concluímos a visita com algumas palavras de conforto físico e espiritual, nos despedimos e ficamos de voltar na segunda-feira à tarde.

Voltamos realmente na segunda-feira. Nos anunciamos. Veio uma senhora nos atender. Perguntamos pelo Sr. F. Ela nos respondeu que ele havia sido sepultado às 10 horas da manhã.

O Sr. Álcool foi mais forte. Venceu mais um, liquidou mais uma vida.

E a decadência do homem, da família, da sociedade.

E o clamor por uma assistência mais efetiva da espiritualidade superior...

Foi a última visita.

## O CONFORTO DA MISÉRIA

Sábado, 8/8/2009, às 8h30. Ao deslocar-me para meu trabalho, circulava por uma grande avenida que possui um canteiro central, com aproximadamente 3 metros de largura por mais ou menos 50 cm de altura, local onde existe ornamentação em ferro no formato de arco-íris. Parado no semáforo, olhei à esquerda e vi uma faixa que tinha sido usada para propaganda, improvisada como uma rede armada no ferro da ornamentação.

Sentada na rede com pernas ladeadas à esquerda e à direita, uma criança de aproximadamente 8 anos. O sinal abriu e segui o meu destino, porém, fazendo conjecturas sobre a criança.

Sentada na rede, se embalando suavemente, examinava pedaços de panos vermelhos, provavelmente retirados do lixo, que o circundavam. Sorriso simples e singelo. Em sua face, ares de inocente. À sua volta, mais quatro crianças pediam esmolas.

Ouso interrogá-las? Que tipo de conforto imaginam os senhores que a

miséria possa proporcionar a alguém? Que tipo de conforto aquelas crianças poderiam obter, com aquele estado de abandono social e familiar. Uma família que, muitas vezes, já está intoxicada pelas drogas.

O que estará sendo projetado naqueles cérebros que já nasceram ruídos e atrofiados? A perspectiva de vida, a escolaridade e a ascensão social não são nada, haja visto não existir acesso para tais. Falta, também não sentem por não conhecer.

Aquele estado de satisfação, aqueles simples risos de nuances inocentes, o que representava para ele próprio? Para a sociedade, o que representa? As autoridades sabem e usam da indiferença para ocultar suas responsabilidades.

Ah, como é triste o conforto da miséria, em que vivem milhares de crianças.

Naquela situação, é provável que não tiveram sequer a 1ª refeição. Mas somos sabedores de que tantos se beneficiam de nossos impostos e possuem aposentadorias fabricadas. Às vezes, mais de uma, duas, três, até mais.

Aproveitam-se por pertencerem às classes sociais dominantes, verdadeiros aproveitadores e usurpadores dos esforços de quem produz neste país. Estes, sim, precisam fazer um estágio probatório no conforto da miséria. Só assim sentiriam na pele o valor do sorriso inocente daquelas crianças. Salientamos que o conforto da miséria não se restringe só às crianças; está à disposição de qualquer idade, porém, da mesma classe social, é claro.

Minha filha fez o mesmo trajeto às 10h30, e lá já estava um bêbado garbosamente se embalando na improvisada rede do conforto da miséria.

Indagamos aos poderes públicos qual a diferença entre o bêbado e a criança. A resposta é óbvia.

O bêbado foi a criança de ontem. A criança, com raríssimas exceções, será o bêbado de amanhã.

O contexto final é que são iguais e pertencentes ao conforto da miséria, a qual é o que de melhor lhes poderá ser oferecido.

A sociedade observa com carinho o que seus representantes realizam. Se aprovarem, como é óbvio, continuam a creditar-lhes seu voto de confiança. E,

quem sabe, um dia serão sorteados com um final de semana no conforto da miséria, e sentirão na pele o valor de suas indiferenças ao quadro apresentado, e poderão ver no espelho os rostos dos responsáveis por aqueles que mantêm todo o descaso e o desmando desta nação.

## **PENSAMENTO**

“Quando vejo uma criança, ela me inspira dois sentimentos: ternura pelo que ela é e respeito pelo que pode vir a ser.”

(J.Piaget)

## **O CATADOR DE LIXO**

Um moço de aproximadamente 30 anos, que mora em uma comunidade carente, na semana passada me fez um questionamento sobre a diferença entre catador de lixo e reciclador de lixo.

Antes que lhe respondesse, ele prosseguiu dizendo-se semianalfabeto e egresso de uma casa correcional. Confessou-se confuso com essas exposições e prosseguiu com suas afirmações. Sendo

ele um catador de lixo, que poderia ele encontrar no lixo de uma sociedade, corrupta e preconceituosa onde ela própria deveria estar?

Que esperança poderia ele trazer no final da tarde, ou no início da manhã, para sua família, além de uma carroça de lixo já descartado de tal sociedade?

“Que futuro poderá ter minha filha com recursos tirados do lixo? Como competir no mercado de trabalho ou nas lides universitárias? O senhor tem explicação para o contexto?” Eloquente em suas exposições, o moço continuava a expor seu raciocínio.

“O superego de minha mulher já restringe a atividade do ego e não lhe permite um estado de consciência de futuro pleno, a não ser me ajudar a separar o lixo orgânico do inorgânico”.

“Então, doutor, catador ou reciclador de lixo? Não pedi e nem quero nem um nem outro, mas fazer o que?” Continuou suas afirmativas pertencentes ao Estado, de classe dominante corrupta, que legisla em causas próprias,

acrescentando vantagens aos seus gordos vencimentos, em detrimento dos assalariados da fome.

“Eu, angustiado, puxo minha carroça às vezes até na contramão das ruas, porque na contramão da vida estou desde o nascimento. Sou achincalhado por motoristas. Incomodo os transeuntes, que até já me cognominaram de burro-sem-rabo. Veja o senhor” — continuou ele —, “enquanto as classes dominantes usurpam os trabalhadores e aumentam seus salários, mais burros-sem-rabo são acrescentados à cidade. Já somos 10.000, segundo recentemente informa a mídia. Nos expomos das mais variadas formas, as mais insalubres possíveis. E com a consciência fragilizada, no dia-a-dia daquilo que não sabemos o que será. O que já não interessa aos preconceituosos. E se não serve para eles, também não deveria servir para nós. Onde está a diferença? Que país é esse? O senhor pode explicar?”

Seu desabafo foi completo. E continuou: “A distância da classe dominadora para a classe dominada é incomensurável. O estado de melhoria da segunda classe é

muita remota. A tendência é a base da pirâmide social dos preteridos progredir para uma progressão geométrica, porque a vontade dos dominantes em sanar, também decresce na mesma progressão. É a máscara de um país que cresce no sentido dos rabos dos burros que os tem”.

E uma supervida em detrimento de uma subvida.

É o Brasil, que vai pra frente como?

## **NÃO SE SABE.... O SERVENTE DE PEDREIRO**

Hoje, sexta-feira, 5/11/2004, às 16h45, no cruzamento das Avenidas Santos Dumont e Desembargador Moreira, existia uma obra pública de saneamento. O Jola, parado no cruzamento dessas avenidas, observava um servente de pedreiro. Seu nome não sabemos, mas aparentava 50 anos quando deveria ter no máximo 42 anos.

O servente, com aspecto físico já cansado, após uma semana de trabalho, exausto, com olhos fixos em um futuro

inexistente. E o Jola, sentado na direção de seu Escort Hobby 95, imaginou o que estava pensando nosso servente, qual seria sua perspectiva de vida, com sua inteligência rude, aliada ao seu pequeno poder de raciocínio. Dispensa uma tábua para transpor o canteiro central da avenida, não sabemos se para descarregar sua ira no sistema capitalista, que está muito distante de seu poder de entendimento, ou se para quebrar o carro de mão e causar prejuízo à empresa, ou até mesmo para demonstrar sua força física. Não conseguimos entender.

O sinal abriu. Seguimos nossa viagem, porém, fazendo conjecturas sobre o servente.

Lembrei-me de que rapidamente, no movimento do carro, vi a região palmar de suas mãos, totalmente endurecidas, com calos e aberturas rígidas calcificadas. Fazendo novas conjecturas do nosso servente: no término do expediente, receberia sua quinzena e em seguida, sairia com seus companheiros e eles tomariam um litro de cana. Depois, mais uma marca. Ah, esta não nos interessa. Logo depois, seguiria para sua

residência, que poderia ser na Granja Portugal, no Bom Jardim ou no Parque Santa Rosa. Tenham certeza de que na Aldeota, jamais.

Chegando a sua residência, encontraria sua mulher totalmente estressada da semana de trabalho como faxineira; e sua filha de dois anos, acometida de forte virose, tendo ido ao posto de saúde e ficado na lista de espera para os próximos 15 dias, pois não havia pediatra no posto.

Pense como estaria o nosso servente de cabeça feita, pois da parada do ônibus até sua residência, teria tomado de 2 a 3 doses duplas de sua cana preferida, e sua cabeça estaria “superlegal”.

O casal decidiria dar um chá de eucalipto com 20 gotas de antitérmico e analgésico, tendo a criança dormido e a temperatura cedido.

Após uma semana atribulada de trabalho e problemas, o casal iria se preparar para descansar em sua cama de colchão já surrado. Mas é o jeito, as perspectivas de comprar um novo estão muito longe.

O nosso servente, de mãos grossas e calejadas, como se atreveria a acariciar as pernas de sua mulher, do joelho para cima, atingindo as curvas, ascendentes e descendentes da região inguinal?

Não, não iremos detalhar tal processo porque não conhecemos tal situação. Sabemos que ambos se completam.

Sabemos que, nessa hora, nada interfere. Nem corpos cansados, nem odor etílico, nem capital escasso.

O que importa é o encontro dos corpos, a atração, o desejo, a vontade de possuir e ser possuído, a renovação da vida, dos corpos. O renascer dos tempos e a alegria de se sentir firme e forte.

Fortalece-os a alegria de se sentirem vivos, a certeza da proximidade do corpo amado com suas nuances, seus caracteres, suas formas de dar e receber.

Sendo o homem uma criação divina, aquelas estão sempre presentes nos seus grandes e inesquecíveis momentos.

“E acreditamos seguramente que tudo nos favorece por aquele em que cremos”.

## **SEU OBJETIVO PRINCIPAL**

Ao norte do Chile, em regiões menos hospitaleiras, formaram-se pequenas comunidades, localizadas ao sopé dos Andes, onde as condições são mais favoráveis.

Lá morava um casal, seu Onivaldo e Dona Carmelia. Possuíam uma filha com o nome de Antonele, mais conhecida por NELLE.

Um grande revés aconteceu a Nelle aos 14 anos. Ela perdeu seus pais, vítimas de um raio atmosférico, quando voltavam da roça. Sobreviveu sozinha. Foi muito difícil; ela passou por grandes dificuldades, muita pobreza.

Nelle sonhava com uma vida projetada na moda e na mídia televisiva. Terminou como mãe, aos 18 anos.

Morava nas proximidades da cordilheira, local de grandes altitudes, com picos acima de 6.000 metros. É o pico culminante da América, com 6.960 metros, onde se localiza o Aconcágua.

Iniciam-se duas faixas de montanhas, onde se origina o Deserto do Atacama, com altitude de 3.500 metros.

Região mística, vulcânica e com muitas cavernas. Contaram-nos os antigos que existe uma caverna de nome Neurion, que tem uma porta e só abre a cada 150 anos, e que contém valores incalculáveis de jóias e pedras preciosas. Esta fica aberta por oito minutos.

Os moradores costumam passar em frente à caverna, futurando sua sorte. Numa destas, Nelle, com seu filhinho no braço, passou em frente à caverna e a porta desta estava se abrindo. Uma voz rouca e confusa falou: “Nelle, entre. Pegue tudo o que desejar. Você terá oito minutos para isso, mas não esqueça seu objetivo”.

“Após esse tempo, ela fechará por mais 150 anos”. Nelle entrou certa de ter resolvido seu problema. Sentou a criança numa pedra, absorta no tesouro que estava em sua frente. Começou a pegar tudo o que podia: jóias, dinheiro e pedras preciosas. Queria levar o mais que pudesse. Pensava na vida que teria dali para frente.

A voz manifestou-se outra vez: “Nelle, você tem sete minutos. E lembre-se de seu objetivo principal”. Nelle, transtornada com toda a riqueza que estava adquirindo, não percebeu sequer que o tempo passava com rapidez. Deu prosseguimento à projeção de uma mente ambiciosa pela riqueza, botando tudo o que podia na sacola.

Foi advertida pela voz: “Nelle, o tempo está se exaurindo. Seja rápida, mas lembre seu objetivo principal”. A porta começou a fechar e Nelle correu para fora, carregada de jóias, dinheiro e pedras preciosas, feliz da vida. E a porta fechou-se por mais 150 anos.

Só nesse momento Nelle sentiu a falta do filho que havia esquecido dentro da caverna, por preocupar-se apenas em dar evasão a sua ambição. Começou a chorar copiosamente, desesperando-se, inutilmente pensando no que faria naquela hora, com tanta riqueza. Chorou ainda mais ao lembrar que tinha sido avisada de que isso aconteceria. O que fazer com tantos bens que custaram a separação e a perda do seu filho?

Nelle não tem o direito de permanecer na fila da espiritualidade, pois trocou seu filho por bens materiais. Deveria amargar seus remorsos junto com sua riqueza, enquanto viva estiver.

O perdão divino, com certeza, será concedido. Pois Deus, em sua infinita misericórdia e bondade, jamais abandonará uma mãe que está pagando um preço tão alto em sua vida terrena.

## **SONHOS DE CRIANÇAS**

O título foi sugestão de minha neta, que começou a me contar um sonho. É que sua mãe afirmava que a amava muito, mas ela disse que tinha esquecido. Pedi a ela que lembrasse e ela me disse que sonho de criança é assim mesmo.

Imaginei quão belo e colorido é o sonho de uma criança. Tantas viagens a um mundo colorido de passagens, de acontecimentos inesperados. O nascimento das estrelas; Papai Noel chegando de trem; a boneca que chorou; o menino que foi morar na Lua.

O sonho de criança ainda pode ser mais abrilhantado, pois ela está isenta de preocupações sociais, da autodestruição dos relacionamentos pessoais, da cobiça, do ódio, e faz sua inocência prevalecer em seu hábitat lindo e maravilhoso.

A psicomotricidade nos mostra que a criança, a partir dos primeiros dias de vida, já tem noção de um mundo através dos olhos dos pais.

Criança sonha durante 24 horas. Através da visão comportamental daqueles que a rodeiam.

Os primeiros sonhos de crianças são o amamentar, o embalar, o suave som das palavras diminutivas, o afeto, o toque em sua pele. A fase de maior amadurecimento físico. Ela tem dificuldades em formular e transmitir sonhos, por seu organismo trabalhar em tridimensionalidade, ou seja: trabalhar para se manter, crescer e aprender. Vem a fase da fixação, e a criança sonha com o carinho que ela já sabe exteriorizar; mas ela cobra historinhas, montagem de quebra-cabeça, pista de corrida, jogos de bola, bonecas e cozinhas infantis.

Pelos pais se conhece a criança, bem como seus sonhos, que podem ser alegres, de meiguice, de movimentos serenos. Ela pode se apresentar tranquila, se os pais assim se conduzirem.

O comportamento é um complemento avesso se os pais assim o forem.

Pudesse a criança expressar seus sentimentos, suas necessidades emocionais e pessoais, com certeza os diria: “Meus pais, eu os respeito. Sei que minhas reivindicações são diminutas em relação às suas, mas, ao me regerem, façamos isso de forma isolada. O senhor poderia se agachar para que eu não me sentisse tão pequena. Meus pais, não me falem com asperezas e grosserias. Suavizem suas vozes. Não precisam me fazer medo, pois eu já os respeito”.

“Papai, não fique chocado porque ainda não sei lhe responder como o senhor quer. É que ainda está difícil para mim, mas estou crescendo. O senhor está percebendo? Em breve, falaremos a mesma língua”. Sonhei dizendo aos meus pais que ainda não sou tão exato em minhas exposições. Sei que isso

os irrita, mas não tenho outro jeito. Não julguem minhas falhas como pecado de desobediências, porque assim diminuem meu senso de valores.

Sonhei com pais amigos e camaradas, que soubessem separar os momentos de dificuldades de suas vidas, e não os descarregassem em mim. Pois não entendo de mercado de capitais, queda de dólar ou perda de licitações, ou quaisquer outros interesses profissionais ou pessoais a que eles sejam sujeitos.

Passei por um lindo sonho essa noite. Sonhei que meus pais me beijavam e me abraçavam fortemente quando chegava a noite. Poderíamos conversar e até contar coisas bonitas e gostosas, e eu poderia mexer no cabelo de minha mãe. Ela perguntaria como tinha sido meu dia, o que tinha feito de certo e o que tinha errado, e eu contaria. Eu diria: “Mamãe, me beije, me abrace, me faça um carinho. Para mim, é tão necessário, e a senhora sabe realizar esse meu sonho. Mamãe eu te amo”. Se pudesse, a criança com certeza o diria.

Papai, sonhei que o senhor sorria, que não estava de cara amarrada.

Puxe meu cabelo com carinho. Me dê um beliscãozinho. Me coloque no colo. Deixe-me mexer em sua barba. Morda minha perninha. Diga que estou bonita. Isso me ajuda no relacionamento com essa sociedade da qual nada entendo.

Sonhei que meus pais não se assustariam com minhas perguntas e me responderiam de forma que eu entendesse. Não sei se eles sabem, se for o contrário, aprenderei no lugar errado e com pessoas erradas.

Sonhei que meus pais não tratariam minhas dificuldades nem meus medos com descaso. Assim eles me assustam e me prestam um desserviço na minha formação e na minha segurança como pessoa humana.

Tenho a certeza de que meus pais jamais semearão em meu coração o medo, o ódio, o rancor e o ressentimento. Pois o medo passa, mas o ódio o rancor e o ressentimento poderão florescer, e nos separar por uma barreira de bronze, que ficará intransponível. E seremos indiferentes para toda a vida.

Sonhei que meus pais são canteiros semeados de amor, harmonia, carinho, compreensão, aceitação, doações e bondades. Um canteiro que possa me projetar como fruto positivo, capaz de contribuir como parte de transformação sociocultural e espiritual desta sociedade em que viverei. Sei que não é preciso tal citação. Ou precisa?

“Ontem sonhei com Deus, que me afirmou:

Como entoar cantos de GUERRA se prego paz a humanidade.

Com subtrair VIDAS, sem nunca ter odiado.

Componho canções de amor por ter amado muito.

Mande-me uma recíproca, verdadeira, bem verdadeira!!!”

## **ILHA DE VIRTUDES**

Algumas semanas passadas, passei por lindas e belas experiências de um sonho que, tenho certeza, é interessante contar-lhes.

Recebi um convite para realizar uma conferência na Ilha de Virtudes. Indaguei onde se situava esta e o intermediário, de nome Balduíno, disse-me que ela estava situada na Oceania, ao sul do Pacífico, uma região da ilha muito chuvosa, o que era uma exceção para sua localização. Ele notificou-me de que todas as informações me seriam passadas posteriormente. Porém, adiantou-me que o tema seria “Quando Vaidade é Virtude”.

Fiquei muito entusiasmado e confirmei a minha presença na Ilha de Virtudes. Logo ele me confidenciou que eles a tratam carinhosamente por IVIR – Ilha de Virtudes. Solicitei informações sobre a origem de IVIR. Ele me informou que IVIR era uma propriedade de Ísis e Osíris e que, em uma das visitas quando lá estiveram, Ísis resolveu deixar um casal de seus servos na ilha. Osíris, preocupado com a solidão de um só casal, decidiu deixar também um casal dos seus. Ísis, amante do respeito, da moral, da paz e do respeito mútuo, determinou como seria a convivência dos casais. E eles partiram.

Balduíno marcou nossa viagem para o mês de agosto e me disse que era conhecido por Baldu.

Baldu, muito solícito, adiantou-me durante a viagem alguns costumes exercitados em IVIR. Por exemplo, lá só entramos se convidados e com um guia. Sua dimensão territorial é de treze quilômetros.

Baldu adiantou-me que em IVIR não haveria hotéis, pousadas ou qualquer tipo de hospedagem similar. As hospedagens lá eram feitas num R.A. Antes que perguntasse, ele me informou que R.A. é igual a recanto de acolhimento. Neste, eu poderia dormir ou ficar o dia todo de portas abertas ou fechadas. Não faria qualquer diferença. Baldu afirmou-me: “Você vai amar IVIR”.

É do conhecimento do mundo que o povo da Oceania é de bons navegadores. Chegamos a IVIR, indo da Austrália após percorrermos 260 milhas marítimas, o que totalizou 520 quilômetros. A embarcação foi conduzida por Baldu, que era um grande timoneiro. Fomos só ele e eu. A pequena embarcação era muito confortável. Aportamos no porto secundário, já que o porto principal era do navio de comércio, que eles chamam de N.C. No porto, uma charrete nos recebeu e nos

conduziu ao R.A, uma espécie de flat com tudo organizado, inclusive alimentação fresquinha e natural.

Baldu despediu-se de forma diferente. Disse-me que retornaria de manhã, no sábado, e que seria meu guia.

Baldu chegou cedo. Tomamos café juntos. Durante duas horas, ele detalhou para mim todo o sistema do dia-a-dia de IVIR.

Em IVIR, as pessoas não se tocam nem se abraçam. Cumprimentam-se colocando a mão direita sobre o coração, como se fossem doá-lo, retirando a mão e estendendo o braço em supino, (palma da mão para cima), tocando as pontas dos dedos nos da mão da pessoa cumprimentada, que estará fazendo o mesmo movimento.

“IVIR é linda. Você vê e se apaixonou. É só você conhecer”, disse Baldu.

Após as informações, saímos para conhecer IVIR. Eu já sabia cumprimentar as pessoas, mas fui apresentado a pouquíssimas, pois eles tratam um

conferencista como segredo de estado. Baldu relatou para mim que a população de IVIR fluía entre 1.000 e 1.200 habitantes. “Nesse condomínio espiritual” — foi como ele se manifestou —, “não há polícia nem delegacias. Não há fórum nem magistrados, até porque não tem nenhum apenado da Justiça”.

“Concluindo, também não temos prefeito nem vereadores. Nem cobramos impostos de ninguém. Não temos retransmissora de TV. Todas as nossas informações são passadas pela rádio comunitária. Todos os moradores possuem um potente aparelho de som, com rádio, CD e DVD”.

“IVIR não tem asfalto. Seu piso é de areia branca. Com muita chuva, quase diária, o piso sedimentou-se, transformando-se em um asfalto de cor de areia branca”.

“Dado o sol forte, nenhum imóvel é pintado de branco. As cores são todas sutis e serenas, que agradam o visual de todos”.

“As casas distanciam-se três metros umas das outras, não havendo

qualquer tipo de separação. Todas as casas têm jardins. São cultivados diferentes tipos de rosas, folhagens e flores. Existem bromélias, adálias, amélias, la france, antúrios, girassóis, brincos-de-princesa, rosas-de-jericó e muitas outras. Veja como IVIR é diferente: é que você não cuida do seu jardim. Você trata do jardim do vizinho da frente de sua casa com denodo e zelo, pois, quando abrir sua porta pela manhã, é o jardim da frente que você vai ver de imediato e contemplar. Então, o jardim geralmente é bem cuidado, o que faz de IVIR o maior canteiro de rosas da Oceania”.

“O sistema de abastecimento de água é por grandes reservatórios. Cada um abastece de 40 a 50 casas, sendo delas mesmo canalizado através de ductos e coletores plásticos”.

“IVIR é uma ilha privilegiada pela natureza. À noite, temos todo o período chuvoso”.

“Durante o dia, somos privilegiados com bastante sol e ventos que sopram da praia. A ilha é totalmente favorecida, pois toda a energia consumida por nossos habitantes é energia solar

ou eólica. Assim, o consumo torna-se baixíssimo e é custeado com 3% dos bônus, e isenta os moradores de qualquer ônus”, concluiu Baldu, dizendo: “IVIR é demais. Você está vendo”, e sorriu.

IVIR é a privilegiada da Oceania. Nas demais regiões, o índice pluviométrico é de 250 mm por ano. Já em IVIR, chega a chover cinco vezes mais que a média. IVIR, como toda a Oceania, possui clima quente médio de 51° C. É a média de toda a região.

Baldu continuou detalhando IVIR para mim e eu ficava totalmente entusiasmado com o que estava conhecendo. Baldu me disse: “Quando você conhecer toda a ilha, vai amá-la, assim como todos nós”.

Agora vamos conhecer as escolas que carinhosamente eles tratam por C.P.V. — Centro de Preparação para a Vida. Os alunos cursam até o Ensino Médio e, depois, se quiserem o curso superior. Existe um convenio com a Austrália, e este país mantém a casa do estudante Ivirense com a garantia de ingresso nos cursos superiores. Após a

conclusão, os formandos gozam de liberdade para retornar a Ivir ou permanecer na Austrália, onde tem emprego garantido. Um número pequeno retorna a Ivir para dar prosseguimento ao trabalho na ilha, nas áreas de educação, saúde e comunicação.

O serviço de assistência médica é de base fitoterápica. O controle de natalidade é feito por tabela, através do círculo de 28 dias, que a população identifica como círculo lunático. Este é rigorosamente aceito e respeitado pelos homens. Exclamei para Baldu: “Ah, IVIR é demais. É impressionante”, e Baldu sorriu e disse: “Você ainda não viu nada”. Continuamos as visitas e as explicações. Os idosos realizam trabalhos manuais em sisal, confeccionando tapetes e cortinas, e realizam exercícios. São os grandes aconselhadores daqueles que os procuram para orientações em suas dificuldades cotidianas.

A subsistência da família é feita através da pesca e da confecção de peças de sisal, amêndoas de coco e da extração da gordura do coco, que eles chamam de copraol. Eles exportam para a Aus-

trália todo o excedente, que é depositado no centro de comércio exterior, que eles chamam de C.C.E. da Austrália.

A Austrália encaminha um navio comercial, que eles chamam de N.C. Este aporta em IVIR e passa de 5 a 8 dias no porto. O N.C fica aberto 24 horas. Todos os moradores abastecem suas necessidades. O N.C faz a compensação, e aqueles que tiverem saldo recebem um bônus.

O casamento tem sempre boa aceitação e as famílias determinam onde os noivos vão morar.

A comunidade constrói a casa nos moldes e padrões das existentes, sempre respeitando a parte tradicional da arquitetura da cidade traçada por Ísis e Osiris, sem qualquer modificação.

“Em IVIR, não pagamos impostos. Renunciamos a 3% do bônus a que temos direito para a manutenção dos profissionais que prestam serviço em tempo integral, como saúde, educação, serviços de comunicação e diversos”.

“Em compensação, cada morador

doa 12 horas de serviços semanais de trabalho específico dentro de sua qualificação profissional”.

Baldu é um embaixador, graduado na Austrália. É poliglota, conhece toda a história e problemática, bem como toda a fase evolucionista de IVIR. Já está morando lá há vinte e cinco anos. É seu representante internacional, com direito a voto na ONU.

Os administradores de IVIR são quatro: três homens e uma mulher. São voluntários, escolhidos por aclamação. Geralmente se destacaram nas lideranças da comunidade. Todos doam no mínimo 16 horas de trabalho semanal.

Os Iverenses tratam-lhes carinhosamente por PAI NAITE e a mulher por MÃE NAITE. PAI NAITE, também chamado de P.N., é responsável pela saúde, pela educação e pela cultura e lazer. Há o PAI NAITE do trabalho e comércio exterior e o PAI NAITE da ordem, da higiene e da pesca. A MÃE NAITE assiste as famílias em saúde, orientação familiar, no pré e pós-natal, e nas atividades socioculturais. MÃE NAITE é australiana de Cam-

berra. É enfermeira com pós-doutorado nos Estados Unidos. Foi mandada pela Austrália para prestar serviço em IVIR. Aposentou-se e lá permaneceu. Está na ilha há mais de 15 anos. “Se você se interessar, poderá conhecer IVIR. Ficará encantado com o que lá existe. Visite”.

Em IVIR, não há poluição. Todo o trabalho ou transporte é feito em charretes, carroças ou animais. Tudo com muito zelo e responsabilidade.

As transgressões das leis são julgadas e punidas pelos três Pais Naites, em sala secreta. Os crimes hediondos não acontecem há mais de cinquenta anos. Caso aconteçam, os criminosos são extraditados e julgados pela Austrália, e nunca mais retornam a IVIR.

O sábado é supermovimentado. Tivemos que conhecer todo o sistema de funcionamento de IVIR. Voltamos ao R.A no início da noite. Tomamos um banho e aguardamos Baldu, que anda sempre de charrete, para irmos jantar com o PAI NAITE de educação, cultura e lazer.

Durante o jantar, acertamos to-

dos os detalhes para as conferências, que seriam para um grupo de moradores pela manhã e para outro à tarde, porque o ginásio de esportes, cultura e lazer — o GCEL —, é pequeno e não comporta toda a população.

Pela manhã, acordei cedo com o canto dos pássaros. O café já estava servido, com muitas frutas, todas nativas da Oceania. Baldu chegou alegre pelo acontecimento. A rádio já convidava a população moradora das casas de número ímpar a comparecerem ao GCEL para assistir à conferência, dando total ênfase ao tema.

“Quando Vaidade é Virtude”.

IVIR, toda ornamentada com frases alusivas ao tema da conferência, acompanhada de desenhos ou esculturas de borboletas nativas ou australianas, estava linda.

No caminho, recebemos muitos cumprimentos da população que se achegavam ao GCEL. Tudo era festa e alegria na ilha.

Em frente ao ginásio, fomos recebidos por um grupo de crianças que executavam um

belo recital infantil, com toda a harmonia. Baldu me avisou que ali não se batem palmas no final. Todos cantam o hino adotado por IVIR fazendo gestos de retirar o coração e doar ao conferencista, e eu deveria corresponder a todos os movimentos.

Eu imaginei: “IVIR é ótima”, e pensei “Você devia conhecê-la. Com certeza iria amá-la, assim como já estou”.

A rádio comunitária convidava os moradores das casas ímpares. Interroguei a Baldu: “Os moradores cumprem?” “Ah, sim. Toda conduta aqui exercida é a mesma traçada por Ísis”.

Chegando ao GCEL, fiquei maravilhado com duas gigantes colunas existentes na porta do ginásio. Nas partes mais altas das colunas nas calçadas, existiam suportes. Acima destes, duas grandes borboletas, belas esculturas australianas. Somente naquele momento fiquei sabendo que o símbolo de IVIR é a borboleta. Assim entendi os ornamentos existentes na ilha.

Adentramos o GCEL. Domos recebidos pelos quatro administradores de IVIR.

Todos muito solícitos e simpáticos, nos conduziram a uma sala secreta. Tudo muito bem arrumado, sempre decorado com borboletas. Recebi de um Pai Naite um blazer de cor azul-piscina, que deveria usar nas conferências que iria fazer. O GCEL já estava com lotação completa. O Pai Naite da educação e cultura fazia uma rápida abertura, dando início à conferência. Enquanto isso, os dois Pais Naites e a Mãe Naite nos apresentavam sentados na cátedra da prancheta do ginásio. Os presentes ficaram de pé, no que acompanhei. Saudaram-me na fórmula convencional, o que foi por mim acompanhado.

Iniciei a conferência. Falei uma hora e meia, no que fui assistido com muita atenção por todos. Finalizei para os presentes definindo quando vaidade é virtude, o que deveria ser gravado em uma tábua no final da segunda conferência.

No final, o público fez os agradecimentos na forma convencional que já conhecemos, o que foi por mim retribuído. A conferência foi transmitida em todo o seu conteúdo para toda a ilha, pela rá-

dio comunitária.

A outra conferência seria realizada à tarde, para os moradores das casas pares. Saímos do GCEL e fomos almoçar com os Pais Naites. Baldu e a Mãe Naite ficaram no GCEL, fazendo acertos para o turno da tarde.

O almoço aconteceu no Lago das Borboletas, um lugar que encantaria os olhos mais exigentes do mundo. Almocei às margens do Oceano Pacífico, ao som de revoadas dos pássaros enaltecidos pelo suave decolar das borboletas de várias tonalidades.

O Pai Naite de educação e cultura nos explicou tudo. Por exemplo, as ilhas de Melanésia, formadas há milhões de anos.

Conseguimos observar, através de uma lupa, muito distantes, as ilhas vulcânicas. Ficamos sabendo que na zona ocidental do Pacífico, existem 353 dos 450 vulcões ativos no planeta. Eles estão na Oceania. Conhecemos os três momentos do processo de formação de um atol coralíneo, grandes acontecimentos da natureza vulcânica.

Almoçamos uma peixada acom-

panhada de um pirão escaldado com arroz à grega, suco de sagu, seguido por doce de batata e cacau, tudo vindo da Nova Guiné, pois em IVIR há pouca produção agrícola.

Às 16 horas, retornamos ao GCEL para a 2ª conferência. Na entrada do GCEL, um coral de pessoas da 3ª idade nos recebeu cantando o hino da cidade, que eles compuseram acompanhando os ditames da música brasileira “Borboleta Pequeninina”.

O ginásio estava impecável. Tudo muito bonito, com alto estilo de decoração. Recebi novamente o blazer que, dessa vez, veio com um botton de uma linda borboleta folheada a ouro, fixada ao lado esquerdo, acima da região coronariana.

Simbolizava meu título de Cidadão Ivirense.

Os três Pais Naites chegaram à prancheta do ginásio e fizeram um encerramento. Só um deles falou em nome dos administradores e da população. Eles saíram depois pelas laterais

da prancheta.

Baldu me auxiliou a vestir o blazer. Acenou um OK, e eu entrei sozinho na cátedra. Aconteceu novamente a revoadada de borboletas, acontecendo tudo da mesma maneira da parte da manhã.

IVIR é demais. Cumprimentei o público da forma costumeira. Sendo correspondido, iniciei a conferência. Falei oitenta minutos, recebendo a atenção, a estima e o respeito de todos em IVIR. Tudo foi cronometrado. Encerramos a conferência definindo “quando vaidade é virtude”.

A vaidade é virtude quando dota o homem de clarividência, impulsionando-o ao caminho do bem e dotando-o de prazeres espirituais e de bem-estar físico, fatos que o enaltecem, transformando-o em espelho para seus semelhantes, solidificando sua espiritualidade e contribuindo em fortalecer a espiritualidade de sua comunidade.

Ao concluir, recebemos os cumprimentos habituais, tendo retribuído estes da mesma forma.

Ao sairmos do GCEL, fomos con-

duzidos à Rua das Virtudes. Lá foi servido um grande jantar pela comunidade ali residente. Cada casa colocou sua mesa de jantar e suas cadeiras na rua, formando uma grande mesa de jantar coletivo. E serviram tudo o que iam jantar. Em IVIR é assim: o povo é sem ostentação e sem medo de ser feliz.

No jantar coletivo festivo de IVIR, existiam estratégias quando das ocupações nas mesas. As cadeiras eram preferenciais aos administradores e homenageados, sendo assim distribuídas: na 1a cabeceira sentou a Mãe Naite, ladeada imediatamente por dois Pais Naites. Em seguida, ao longo de todas as mesas colocadas na rua, sentaram-se todos os moradores.

Eu, Baldu e um Pai Naite percorremos toda a extensão da rua onde se servia o jantar, flexionando-se a todos os moradores. As pessoas permaneciam sentadas, se flexionando a nós da mesma forma. Chegamos ao final das mesas, sendo que, como destaque, sentaram-me na cabeceira da mesa. Fiquei ladeado imediatamente por Baldu e o Pai Naite que nos acompanhava.

O saboroso jantar foi servido. Você precisava estar presente para ver que delícia de comida.

Foi servida cururuca preparada em culinária diversificada. É uma espécie de peixe em farta abundância na região. Com guarnições de arroz à grega, batata doce e amêndoas de coco, que eles chamavam de copra.

No final, serviram um saboroso suco de sagu. À exceção da cururuca, todos os outros alimentos vinham da Nova Guiné.

Encerrado o jantar, a Mãe Naite fez o percurso do jantar sozinha, flexionando-se aos moradores, que corresponderiam com o mesmo gesto.

A Mãe Naite posicionou-se de pé, atrás da minha cadeira, sendo acompanhada pelo Pai Naite e por Baldu, que me ladeavam.

Os outros dois Pais Naites, um de cada lado, percorreram todo o jantar portando na mão direita, apoiada no peito esquer-

do, uma pequena espada flamígera. À medida que iam passando, os moradores, sentados um de cada lado, flexionavam-se aos Pais Naites, levantavam-se e retiravam-se lentamente, sem balbúrdia. Até os dois últimos moradores realizaram os mesmo procedimentos. Quando os dois Pais Naites se aproximaram, ficamos os quatro de pé ladeados; Baldu, a Mãe Naite, eu e o Pai Naite. O Pai Naites mor nos apresentou a espada. Nos flexionamos e saímos pela esquerda, já nos dirigindo à charrete que nos conduziria ao R.A. Lá chegando, fizemos os cumprimentos tradicionais. Adentramos o R.A sem olhar para trás. Era noite de domingo. A hora já era adiantada. Estava muito cansado, dormi com as portas abertas. Viajaria na segunda-feira, às cinco horas da manhã. Às quatro horas e trinta minutos, Baldu chegou em sua charrete, trazida por seu condutor de confiança. Conduziram-me ao porto secundário. Iria até a Austrália em uma pequena embarcação, de onde viajaria por via aérea para o Brasil.

Dormi de portas abertas porque conheci, confiei e amei IVIR.

Você devia conhecê-la. Com certeza, irá

amá-la também.

Às quatro horas e quarenta minutos, chegamos ao porto eu, Baldu e o condutor. Eu já sabia que em Ivir não havia abraços. A despedida é a tradicional. Recebi orientações de que na porta da embarcação, no último degrau, deveria olhar para trás; assim o fiz. Baldu e o condutor já haviam se retirado.

Percebi dois cidadãos, os mais antigos moradores de IVIR, portando uma grande faixa com uma linda mensagem, que dizia:

“A fraternidade e o sorriso de IVIR vêm de um coração tranquilo, pois é dali que ele nasce”.

Boa viagem

## POSFÁCIO

Ler o “Ilha de Virtudes - crônicas e contos” de José Onofre Lourenço Alves é um verdadeiro passeio por uma literatura moderna e intrigante. O autor, sem sombra de dúvida, deixou escondida até agora a sua “veia artística”, não se aventurando apenas na literatura, como também pelo teatro.

A experiência de vida levou à criação de uma obra inteligente, que prende o leitor desde o início. O relato de contos bem narrados é a tônica de “Ilha de Virtudes”.

Ser convidado a fazer o prefácio desta obra não é apenas uma honra, mas também um desafio, por ser filho e fã do autor. Confesso que foi uma experiência interessante.

“Tchau - Feliz fim de semana” toca pela simplicidade como o autor trata de um tema de nosso cotidiano de brasileiros. Já o conto “Saiba controlar seus nervos” nos mostra como é necessário ter controle emocional. O conto que muito me tocou foi o “Domingo de sobriedade e feliz” por uma razão muito simples – não pude

compartilhar deste momento em família – por contas das muitas circunstâncias que a vida nos impõe.

E em “O Bêbado” o autor conta de forma interessante seu encontro com um bêbado que é muito polido no português.

Quanto aos demais contos, deixo para os leitores tirarem suas próprias conclusões e críticas deste neófito nas artes do mestre Machado de Assis.

Sucesso e te amo.

**Onofre Alves Junior**

## **PALAVRAS DO AUTOR**

Desde criança, alimentei o gosto pela escrita, a partir do momento em que aprendi a escrever as cartas de minha avó.

Muitos trabalhos foram escritos: crônicas, contos, sociodramas; porém, foram todos descartados.

Ilha de virtudes deveria ser o 2º livro, já que o primeiro está pronto desde 2002; recebeu o título de “Os Filhos da Viúva”. É um assunto a ser resolvido.

Hoje, entregamos-lhes “Ilha de Virtudes”. São Contos e Crônicas.

As Crônicas são por nós vivenciadas no nosso cotidiano de trabalho e lazer. Somos eterno expectador da vida.

Os Contos são frutos de nossos conhecimentos literários e nossas viagens imaginárias. Sinto que é mais um filho que entrego à sociedade, com a mesma responsabilidade dos demais, que terão o compromisso de projetar-me por todo o planeta.



## **SOBRE O AUTOR**

José Onofre Lourenço Alves, natural de Sobral – CE, filho de Sebastião Alves Sobrinho e Maria de Nazaré Lourenço Alves.

Aos sete anos, veio para Fortaleza - CE. Iniciou seus estudos no União Popular Cristo Rei, transferiu-se para o Ginásio Arminda de Araújo, concluindo o ensino médio no Colégio São José e Farias Brito.

Em 1975, graduou-se em Fisioterapia pela UNIFOR. Em 1977, especializou-se em Fisioterapia Cardiorrespiratória pelo Instituto de Cardiologia de São Paulo e Universidade do Paraná. Em 1978, transferiu-se para Campo Grande – MS, retornando ao serviço público, concursado no Ministério da Saúde.

Retornando a Fortaleza, aposentou-se em 1995 exercendo a fisioterapia em empresa própria desde 1998, onde presta serviços ao SUS e convênios.

este livro foi publicado sob licença creative commons, permitindo a qualquer pessoa copiar, utilizar e compartilhar seu conteúdo, desde que obedeça à mesma licença, sempre citando a fonte original, e nunca para fins comerciais. qualquer alteração nos textos não será permitida sem o consentimento do autor. para conseguir uma cópia desta licença, acesse o endereço <http://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/2.5/br>



impresso em bookman old style 10  
cartão supremo 250g / palem 80g  
nas oficinas da Expressão Gráfica  
para a Editora Corsário em Janeiro  
de 2010.